

EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

A história de Fernando Gonçalves da Silva é muito semelhante à de outros homens, que infelizmente não são tão frequentes, que dão à vida um sentido que ultrapassa os limites da autocontemplação, para se espriar na plenitude social, sem buscar para si méritos ou recompensas, simplesmente pela nobre satisfação de servir e pela mera alegria de ver o bem do outro, no qual encontra a própria realização.

Normalmente tais homens não chegam a ser percebidos, tal a modéstia e a simplicidade de sua atuação, voltada para as pequenas coisas que sabem ser importantes, pois é a partir de sua conjunção sistêmica que se realizam e se percebem as grandes coisas.

Fernando Gonçalves, como a família prefere que seja lembrado, já que assim era conhecido em sua comunidade, tinha essas características invulgares e, apesar do ser humano especial que foi, não chegou à glória da mídia ou jamais foi incensado publicamente em reconhecimento pelo bom exemplo que sempre deu. Ao contrário, consciente de que a recompensa da virtude é a própria virtude, considerava seus princípios de vida uma obrigação a cumprir, um dever do qual não poderia se eximir ou esperar retorno de qualquer natureza.

Na aparência, sua vida era comum. Filho de José Setembrino Gonçalves da Silva e de Maria Angélica Rolim da Silva, nasceu Fernando lá em Pedras Brancas, hoje Município de Guaíba, em 15 de setembro de 1917.

Sendo sua família humilde e numerosa, foi-lhe necessário trabalhar desde os 10 anos de idade para auxiliar no sustento da família. Sério e competente, trabalhou como padeiro até os 20 anos. De hábitos morigerados, formou uma poupança, com a qual adquiriu um táxi, na época chamado carro de praça. Na nova atividade, foi um dos fundadores dos pontos da extinta Viação Férrea e do antigo Hotel Umbu, isso lá pelos anos 1940.

De 1955 a 1962, foi proprietário de micro-ônibus da Expresso São Domingos, que fazia a linha Vila Jardim, e Presidente Vargas, que fazia a linha 56 da Glória.

Mas sua vida não era fácil. Em 1962, vendeu o micro-ônibus e, tendo recebido apenas o valor da entrada, vendeu sua casa, a fim de saldar as dívidas e comprar um automóvel, com o qual voltou a trabalhar como taxista, atividade que exerceu, brava e incansavelmente, até aposentar-se, em 1983.

Faleceu em 1987, sem maiores destaques em sua biografia. Sua certidão de óbito registra que sua profissão era motorista e que deixou quatro filhos: Luis Fernando, Arildo, Gilca e Gilda.

Em sua biografia, tudo poderia ficar por aí, não fossem a imagem, a memória e o exemplo que deixou.

Como chefe de família, casado com Noemy Julio da Silva, criou os quatro filhos e, como se isso não bastasse, criou também quatro sobrinhas órfãs de pai. A todos criou igualmente, com base em princípios e valores permanentes, dando-lhes uma vida digna e honrada.

Para lhes ensinar o valor do trabalho e do dinheiro – mas também por necessidade financeira familiar –, desde cedo os fazia trabalhar, na certeza de que isso lhes daria experiência de vida e solidez de caráter.

Como profissional, era trabalhador, honesto e competente. De caráter reto e ímpoluto, do tempo do “fio de bigode”, cumpria sempre os compromissos e obrigações assumidos, mesmo à custa de algum sacrifício pessoal, pois a palavra, no seu entendimento, deveria estar acima da conveniência do momento.

Como cidadão, era generoso, sempre disposto a ajudar o próximo. Certa feita, em uma das corridas que lhe coube, apanhou uma família de poucos recursos, vinda do interior do Estado, que pediu para ser levada a uma pensão bem simples e barata, onde todos pudessem passar a noite. Então, compadecido da situação daquelas pessoas, sem hesitar, Fernando levou toda aquela família para sua casa, onde os abrigou por cerca de três meses, até que o chefe da família conseguisse um emprego e alugasse duas peças para morar. Como esse, muitos outros exemplos de bondade, praticados espontaneamente por Fernando, poderiam ser enumerados.

Entre seus colegas de profissão era conhecido como Bigode Branco ou como Pé de Chumbo.

Amigo leal, era bom vizinho, bom colega e bom chefe de família, sendo muito querido por todos quantos o conheciam.

Outra de suas virtudes era ser do tipo “faz tudo”. Perto dele, nada ficava sem conserto, tudo era restaurado. Também construía brinquedos, que faziam a alegria da garotada da vizinhança.

Já aposentado, quando ia buscar o pão, costumava trazer consigo uma quantidade maior do que a necessária para ele e sua esposa, a fim de distribuir entre as pessoas necessitadas da vizinhança.

Nomes como o de Fernando Gonçalves da Silva merecem ser perenizados na história de Porto Alegre, batizando um dos logradouros da Cidade, para que seu bom e dignificante exemplo seja modelo para as gerações futuras, pois, como ensinava dom Altamiro Rossato, bispo emérito de Porto Alegre, “Mais mérito tem aquele que move uma palha, por amor a Deus, do que aquele que move o mundo, por amor a si próprio”.

Sala das Sessões, 31 de julho de 2012.

VEREADOR JOÃO CARLOS NEDEL

PROJETO DE LEI

Denomina Rua Fernando Gonçalves o logradouro público cadastrado conhecido como Rua 41 – Loteamento Presidente Costa e Silva –, localizado no Bairro Rubem Berta.

Art. 1º Fica denominado Rua Fernando Gonçalves o logradouro público cadastrado conhecido como Rua 41 – Loteamento Presidente Costa e Silva –, localizado no Bairro Rubem Berta, nos termos da Lei Complementar nº 320, de 2 de maio de 1994, e alterações posteriores.

Parágrafo único. As placas denominativas conterão, abaixo do nome do logradouro, os seguintes dizeres: Líder comunitário exemplar.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.